

Poéticas Visuais: videodança, porquê?

LUANA ECHEVENGUÁ ARRIECHE¹; ELEONORA CAMPOS DA MOTTA
SANTOS²; ROSÂNGELA FACHEL³

¹Univesidade Federal de Pelotas - UFPEL1 – luana_arriech@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - UFPEL– eleonoracamposdmottasantos2@gmail.com -
orientadora

³Universidade Federal de Pelotas- UFPEL– rosangelafachel@gmail.com - coorientadora

1. INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta resultados sobre o levantamento realizado através dos anais online da Associação Brasileira de Pesquisas e Pós-graduação em Artes Cênicas – ABRACE e da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA, buscando dar visibilidade para as pesquisas que versavam sobre videodança e apresentavam, em seus textos, uma das diferentes grafias para o termo: **vídeo-dança**, **vídeo dança** e ou **videodança**. Sobre este recorte, encontramos 24 trabalhos. Analisamos se os trabalhos apresentavam um conceito em torno da grafia eleita no texto. Nosso intuito foi de iniciar exercício de compreensão sobre as relações teóricas em torno do tema para, a partir daí, também nos posicionarmos sobre conceito e grafia a serem usados para o desenvolvimento de dissertação no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, sob título provisório **Poéticas Visuais: videodança performatividade feminina**.

Deste modo, este resumo é parte da pesquisa realizada no PPGAV. Importante mencionar que esta análise, de forma mais completa e aprofundada, foi apresentada oralmente no VI Encontro Científico da ANDA em junho deste ano, em Salvador, e terá artigo completo publicado nos Anais do referido evento. Neste contexto, apresentamos aqui alguns apontamentos sobre a referida análise, mostrando que “videodança” aparece como um conceito indispensável de ser apresentado e melhor compreendido.

Segundo BRUM (2012) videodança é um híbrido da dança e do vídeo, ou seja, “trata-se de uma cena que emerge da aproximação de artistas do audiovisual e da dança que, juntos, encontram no vídeo um manancial repleto de novos recursos para realizar suas ideias” (BRUM, p. 77, 2012).

A videodança começa a assim ser denominada a partir da década de 70. Acreditava-se que tinha sido citada pela primeira vez a grafia videodance, traduzida para o português como videodança, no final do século XX, em meados da década de 80, por Vera Maletic, em seu artigo **Videodance- Technology – attitude Shift** (1988). No artigo a autora buscou distinguir os formatos nos quais a dança estava presente, preocupação que advinha da necessidade de demarcar características entre os diferentes trabalhos com dança que estavam sendo produzidos. Entretanto, segundo Brum (2012), há pistas que na década de 70 a grafia já tinha sido referenciada, através de um texto norte americano intitulado **Videodance**, escrito em 1975.

Duas produções que consideramos importantes para realizarmos o movimento de compreender o porque utilizar uma grafia ao invés da outra são de Ferro (2013) e Oliveira (2009), ambas autoras trazem com clareza para suas pesquisas o motivo pelo qual elecam as grafias utilizadas. No caso de Ferro (2013), ela utilizou a grafia vídeo-dança, considerando ser a que melhor diz sobre os trabalhos desse campo em seu país (Portugal), assim como desloca a autora

para uma justificativa sobre gênero linguístico, uma vez que o vídeo é substantivo masculino e dança um substantivo feminino. Estando assim, entre hífen, não referenciaríamos o substantivo nem como feminino, nem como masculino. Já Oliveira (2009) traz outro posicionamento sobre a grafia eleita em seu texto. Para ela videodança representaria um modo de ver dança, ou seja, uma ação embasada em Dubois (2004) que diz: “o vídeo poderia ser encarado já não mais como uma maneira de registrar e narrar, mas como um pensamento, um modo de pensar” (DUBOIS, 2004, p. 2) O autor, reflete que o entendimento sobre vídeo pode estar além de ser um dispositivo, representando também, um pensamento que ocorre por meio de enquadramentos.

A partir dos referenciais que já tínhamos sobre videodança, como Brum (2012), Tomazzoni (2012), Vandellos (2018), Ferro (2013) e Oliveira (2009) buscamos ampliar justificativas para o uso das grafias: video-dança, vídeo dança e videodança.

2. METODOLOGIA

Após acessar os anais disponíveis online dos eventos da ABRACE (a partir de 2007) e da ANDA (a partir de 2011), identificamos 41 trabalhos através das seguintes palavras para busca: videodança; vídeo dança; video-dança; cine dança; Maya Deren; Merce Cunningham; Analívia Cordeiro; corpo; espaço; vídeo; cinema; videográfico. Utilizamos as palavras que acreditávamos ampliar o campo de buscas, pois ocorreu de alguns trabalhos não terem, no título ou no resumo, as palavras mais específicas: vídeo dança, video-dança ou videodança, versando, contudo, também sobre o tema. Para realizar a análise, o primeiro recorte foi selecionar apenas os trabalhos que apresentavam no corpo do texto uma das grafias: vídeo-dança, videodança e ou vídeo dança. Deste modo, através desta “lente” ficamos com 24 trabalhos.

Entre os 24 trabalhos que apresentaram uma das grafias, 20 contém a grafia **videodança**, representando a maioria dos trabalhos pesquisados. Ao analisar, identificamos que há uniformidade na escrita, ou seja, o autor, quando elege uma das grafias, reproduz a mesma em todo o trabalho. No entanto, não encontramos uma explicação consciente e explícita para o uso da opção escolhida. Apenas 10 trabalhos apresentaram conceituações genéricas sobre o termo/grafia eleito. Ao mesmo tempo, mesmo estes que demonstram algum movimento explicativo, não dão a ver reflexões sobre as demais possibilidades de grafias e se acreditam existir diferenças nestas diferentes escolhas e usos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os trabalhos pesquisados, compreendemos que Dias (2012) apresentou movimento explicativo próximo que buscávamos, apesar de não apontar a existência de outras grafias, contudo conceituou a vídeo-dança, propondo-se a refletir sobre o tema no âmbito das artes contaminadas, e a partir dessa perspectiva compreende o fazer em processo de hifenização. Diz a autora [...] o hífen - recorrente nas manifestações da cena contemporânea – opera como o elemento que inaugura um espaço intersticial, pois conecta estações dinâmicas da arte criando novos pontos de paragem. (DIAS, 2012, s/p)

Ademais, percebemos através da análise dos 24 trabalhos, que quando havia no texto a intenção de conceituação sobre a videodança, estavam lá escrita, características do fazer em videodança. Genericamente, primeiro aparecem nos textos que se trata do hibridismo da dança e do vídeo. Depois, questiona-se o que

é dança e o que é vídeo, para apartir dessas relações refletirmos sobre um "outro", que não é nem dança e nem vídeo. Schulze (2012) traz para sua escrita um caminho para a criação, organizada em narrativas, as quais o autor denomina como de primária, secundária e terciária. Diz o autor:

[...] A videodança é compreendida como síntese de múltiplas dimensões narrativas de análise constituídas essencialmente pelas dimensões primária, secundária e terciária. A dimensão primária se refere ao contexto e ao corpo, além de qualquer fato visual percebido em estado de dança, conceito que é utilizado aqui para definir todo evento que pode ser identificado como dança. A dimensão secundária é percebida através dos diferentes planos utilizados através do olhar da câmera e a terciária através da estrutura visual criada após a captura durante a edição e pós-produção. (SCHULZE, 2010, p. 2)

Guilherme Schulze é citado como referências em quatro. A percepção do autor sobre o processo de criação nos aponta caminhos sobre o modo de criar dança.

4. CONCLUSÕES

Compreendemos que foi possível consolidar a opção de grafia mencionada no início do texto e também compreender o motivo pelo qual a priorizamos, em vez de outras. Apesar de nenhum dos trabalhos pesquisados indicar a existência de outras grafias, além da de uso pelo autor, o movimento de pesquisa ampliou nossa visão sobre o tema. Deste modo, compreendemos que a grafia videodança está em sintonia com que nos propomos a desenvolver na pesquisa realizada no PPGAV.

Com base em Dubois (2004) refletimos sobre o que é vídeo. Para o autor, a grafia "video" pode ser lida de duas formas: o vídeo com acento, usado com frequência como complemento nominal ou substantivo próprio; e video, sem acento, como uma ação constitutiva do modo de ver:

[...] video, assim sem acento, é também, de um ponto de vista etimológico, um verbo (video, do latim videre, "eu vejo"). E não de um verbo qualquer, mas o verbo genérico de todas as artes visuais, verbo que engloba toda ação constitutiva do ver: video é o ato mesmo do olhar. (DUBOIS, 2004, p. 71)

Deste modo, refletimos a leitura sobre a grafia videodança de duas formas, sentido A e B embasado em Dubois (2004): no sentido A compreendemos que a grafia vêm para dar forma ao trabalho artístico, ou seja, as grafias: vídeo-dança, videodança e vídeo dança diz sobre a mídia que materializa a obra; e no sentido B, pensamos ser o modo de se colocar frente ao processo de criação, é uma ação, é o estado de ver dança, pensamento que está em sintonia com o Oliveira (2009) quando diz que a videodança pode ser tratada como a dança do ver.

A partir da perspectiva que venho abordando nessa pesquisa, a videodança pode ser tratada como a dança do ver, a dança do olhar, onde imagem do corpo em dança estabelece uma relação de confluência mutua entrelaçada e dependente, com tecnologias relativas à imagem técnica (OLIVEIRA, 2009, p. 27)

Como já havíamos colocado inicialmente, Oliveira (2009) é referencia importante para o movimento de reflexão em torno da grafia. Acreditamos que a pesquisa nos orientou para a tomada de decisões em relação a pesquisa

realizada no PPGAV, assim como também vem para contribuir com reflexões sobre o tema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, Leonel. Videodança: Uma Arte do Devir. In: Dança em Foco. Ensaios Contemporâneos de Videodança. 2012. p. 74 - 113.

DIAS, Alexandra Gonçalves. Procedimentos intersticiais. In: VII Congresso da Abrace , Porto Alegre, v. 13, n. 1 , 2012.

DUBOIS, Philippe. Cinema, Vídeo, Godard/ trad. Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

FERRO, Maria Laura. Vídeo-dança de produção portuguesa. Dissertação (mestrado). Universidade de Lisboa/ Faculdade de Motricidade humana. 2013.

OLIVEIRA, Ana Carolina Moura de. Videodança um verbo possível: uma proposta metodológica para o ensino de videodança. Monografia (graduação) Orientador: Prof. Sérgio Pereira Andrade/ Coorientação: Prof.Dra. Cléia Ferraz Pereira de Queiroz. Salvador, 2009.

SCHULZE, Guilherme Barbosa. Um olhar sobre videodança em dimensões. IN: VI Congresso da ABRACE – São Paulo, v. 11, n. 1, 2010.

SCHULZE, Guilherme Barbosa. Coreografando videodança: o contemdança2 como laboratório de criação. In: Anais do II congresso nacional de pesquisadores em dança – ANDA, 2012.

TOMAZZONI, Airton. Um baile mudo: a dança no cinema pré-sonoro. Pág 50-74 In: Dança em Foco: Ensaios Contemporâneos de videodança. 2012.

VALDELLÓS, Ana Sedeño. El cuerpo y la pantalla: reflexiones sobre el lenguaje audiovisual de la videodanza. Pág. 191 a 206 IN: Danza, investigación y educación Danza e ideología(s). - Impreso en España: Editorial Libargo, Mayo de 2018 12'1